

Temacast #73 As Revoluções Russas parte 2/2

[INÍCIO DA PARTE 2: O triunfo dos Bolcheviques]

[ABERTURA]

Muito bem, meus amigos, está começando mais um Temacast. Aqui é Francisco Seixas e esta é a 2ª parte, onde estamos falando sobre o aniversário de 100 anos “dos dias que abalaram o mundo” e alçaram os socialistas russos ao poder. Nesta segunda e última parte, nós trataremos da Revolução Russa de 1905 e das Revoluções de 1917, que culminaram na vitória dos bolcheviques liderados por Vladimir Ulyanov, mais conhecido como Lenin. E me acompanha neste episódio o meu amigo Jorge Virgilio...

00:01:42 - Jorge Virgilio

Olá, Francisco. Olá ouvintes. E vamos lá pra saber como termina essa história.

00:01:44 - Francisco Seixas

E não se esqueça que o Temacast **não** chega até você com o apoio da Duma Imperial ou do Soviete de Petrogrado, e sim com a ajuda de nossos ouvintes que contribuem todo mês com o Temacast. Se você quer fazer parte do nosso time de mecenas e ajudar o Temacast a crescer, entre em nosso site temacast.com.br e descubra mais. Você também pode entrar diretamente em um desses links: patreon.com/temacast ou em apoia.se/temacast.

O episódio começa agora, essa sopinha de letras, esse trava-línguas em russo, então boralá!

Vladimir Ulyanov (Lenin)

Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido pela alcunha de Lenin, nasceu em 22 de abril de 1870, em uma família de classe média alta, na cidade de Simbirsk (“simbirsqui”), atual Ulyanovsk (em sua homenagem), nas margens do rio Volga. Era filho de Ilya Nikolayevich Ulyanov e Maria Alexandrovna Blank Ulyanov. A mãe de Lenin, Maria, era filha de um médico judeu russo e de uma imigrante sueca. Já o seu pai, Ilya, vinha de uma família de servos que havia ganhado a liberdade dos seus senhores ainda antes da Emancipação de 1861.

Apesar da origem humilde, o pai de Lenin conseguiu ascender à classe média, primeiro entrando para a Universidade Imperial de Kazan, depois tornando-se professor de física e matemática no “Instituto para os Nobres” da cidade de Penza e da cidade de Nizhny Novgorod. Ambos os Institutos eram escolas secundárias para nobres, chamados de **dvoryane** em russo, sendo o de Penza exclusivamente para os meninos e o de Nizhny Novgorod exclusivamente para as meninas. Quem estudava nesses institutos podia ingressar na universidade diretamente, sem prestar qualquer tipo de exame.

Nesse período, o pai de Lenin chegou a publicar alguns artigos científicos no campo da meteorologia. Em 1869, tornou-se inspetor das escolas públicas em Simbirsk. Ilya Ulyanov, o pai de Lenin, foi um grande defensor do ensino básico para todos, independentemente da origem social, etnia ou do gênero, tendo

fundando escolas para algumas minorias russas como os Chuvaches (um grupo aparentado dos turcos, do qual ele próprio descendia), os Tártaros e os Mordóvios. E em 1882, tornou-se conselheiro civil de Simbirsk, em reconhecimento pela sua atuação no campo da educação, posição que fez de Ilya Ulyanov um nobre hereditário. Era um conservador liberal e um monarquista convicto, olha só, grande apoiador inclusive de Alexandre II, e não aprovava as inclinações do filho mais velho, Alexandre, para o radicalismo de esquerda. O nome do filho, aliás, havia sido ironicamente uma homenagem ao “czar dinamitado” do qual nós falamos no episódio passado.

Ilya morreu em janeiro de 1886 de hemorragia cerebral quando Lenin tinha apenas 16 anos. Ilya deixava ainda outros 5 filhos vivos: Alexandre, Olga, Maria, Dmitri e Anna. Um ano depois de sua morte, em 1887, seu filho mais velho, Alexandre, então com 21 anos de idade, foi condenado à força pelo seu envolvimento no atentado planejado pelo Narodnaya Volya, o tal Liberdade do Povo, contra o czar Alexandre III, como já havíamos mencionado no episódio anterior. Felizmente para Ilya, que era um grande admirador da monarquia, ele não viveu para ver isso. Com a morte prematura do pai e a execução do irmão, Lenin ficou extremamente abalado emocionalmente, passando a ter um comportamento agressivo e confrontador com a família, agora liderada pela mãe, Maria Ulyanov. Neste ano, por exemplo, Lenin abandonou a religião católica ortodoxa passando a se declarar ateu.

Apesar da rebeldia, Lenin continuou estudando, tendo se formado no equivalente ao Ensino Médio russo como o melhor aluno, recebendo a medalha de ouro. Em agosto do mesmo ano, entrou para o curso de Direito da Universidade Imperial de Kazan.

Na Universidade de Kazan, Lenin entrou para a zemlyachestvo de Simbirsk, do qual se tornou presidente do conselho universitário. Essas zemlyachestvos eram comunidade regionais russas formadas por aqueles que viviam fora da sua região de origem, fossem eles estudantes, negociantes ou trabalhadores emigrados (seria o equivalente, no Brasil, aos centros de tradições nordestinas ou de tradições gaúchas que existem, por exemplo, lá no Rio de Janeiro).

00:06:33 - Jorge Virgilio

Exatamente, Francisco.

Tchernichevski

Em dezembro de 1887, Lenin fez seu primeiro ato na liderança do conselho universitário da comunidade de Simbirsk organizando um protesto contra o czar Alexandre III, que havia decidido banir as sociedades estudantis, em particular, os kruzhki, que eram os círculos socialistas, como a gente mencionou também anteriormente. Lenin acabou preso nesse protesto como agitador político e por decisão do Ministro do Interior recebeu como punição a expulsão da cidade e da Universidade de Kazan, tendo sido obrigado a retornar para a casa de sua mãe lá em Simbirsk. Nesse período de isolamento, Lenin aprofundou suas leituras dos revolucionários russos, em particular, do filósofo, jornalista e crítico literário Nikolay Tchernichevski, que inspirado pelas ideias de Alexandre

Herzen (o pai do socialismo russo, como citamos na Parte 1), havia fomentado a ascensão dos narodniks como movimento político, sendo, portanto um dos pais do chamado “narodismo”.

Para muitos historiadores do socialismo russo, a principal influência de Lenin e dos soviéticos russos, antes e após a Revolução de 1917, não foi o “O Capital” de Karl Marx, mas o romance escrito por Tchernichevski entre 1862 e 1863, quando este esteve preso na Fortaleza de Pedro e Paulo, lá em São Petersburgo, devido aos artigos críticos que ele publicava contra o regime czarista nos jornais locais. Impossibilitado de escrever seus artigos políticos, Tchernichevski pediu às autoridades da prisão que lhe permitissem escrever um romance. “Ah, vou escrever só um romancinho aqui”. Como a censura czarista e o diretor da prisão não viram nada de ameaçador nesse romance, no fato dele escrever um romance, Tchernichevski recebeu autorização para escrever desde que escrevesse obras ficcionais apenas.

O romance que ele afinal escreveu na prisão se chama “**O Que Fazer?**” e tem como protagonista uma mulher chamada Vera Pavlovna. A trama principal do livro se concentra no triângulo amoroso entre Vera e dois pretendentes, mas aproveitando-se da brecha da censura, Tchernichevski preencheu o romance de metáforas políticas e sociais. Assim, ao longo do romance, Vera foge do controle da família e de um casamento arranjado e, buscando sua independência econômica, funda uma cooperativa de costureiras. Nessa cooperativa, todas as moças recebem a mesma remuneração, com exceção das novatas, que estão em processo de aprendizagem.

E essa cooperativa de mulheres fundada por Vera (claro!) acaba inspirando no livro novas associações de trabalho coletivistas e uma revolução nos costumes da Rússia. Então, apesar de ser ficcional, o livro é um resumo da essência do pensamento socialista de Tchernichevski, que defendia a criação de pequenas cooperativas de operários baseadas nas Mirs (as comunidades camponesas tradicionais da Rússia), mas orientadas não para a produção agrícola, como pregavam os socialistas agrários, mas sim para a produção industrial. Essas cooperativas seriam conselhos de trabalhadores que decidiriam tudo em conjunto e por si mesmos, sem qualquer patrão. A palavra russa para “conselho” é “soviete”. E é daí que vem a ideia de uma organização de trabalho “soviética”, ou seja, na forma de conselhos ou colegiados deliberativos.

Apesar de ter um papel secundário na trama, o personagem mais conhecido e influente desse livro “O que fazer?” é o jovem de 22 anos chamado **Rakhmetov**. Mesmo aparecendo bem pouco (em cerca de 1/10 do livro), as ideias e o estilo de vida defendido por Rakhmetov ao longo do livro acabaram servindo de inspiração para a maioria dos revolucionários russos, incluindo Lenin e os partidários do Narodnaya Volya (como o irmão do Lenin foi partidário). No livro, Rakhmetov ele é um celibatário, defensor de um estilo de vida totalmente puritano, que lê exaustivamente, dedicando madrugadas inteiras às suas leituras, sempre regadas a base de muito café forte. No romance, ele é descrito como um jovem superdotado, tendo concluído seus estudos na Universidade de São Petersburgo com apenas 19 anos, e que também é um excelente ginasta.

Para se aproximar da dura realidade do povo, Rakhmetov abdica do luxo e segue um estilo de vida espartano, dormindo em tábuas de madeira e se alimentando de pão preto. Sua obsessão pela “causa do povo” é ilustrada quando em dado momento do romance ele salva uma jovem de ser atropelada, saindo gravemente ferido do acidente. Em agradecimento, a moça cuida do rapaz e acaba se apaixonando por ele. Entretanto, Rakhmetov se recusa a se envolver com a garota, alegando que o amor ao povo precede qualquer outra forma de amor, seja este o amor da família ou mesmo o amor de uma mulher. Sendo o dever do intelectual educar e conduzir o povo, este deve dedicar-se a essa tarefa de todo o coração. No livro, os colegas de Rakhmetov o apelidam por esse motivo de “o Rigorista”.

Mais tarde, após se aprofundar na leitura dos principais intelectuais em voga na época, como Adam Smith, David Ricardo, John Mill e Nikolai Gogol, Rakhmetov decide viajar por todo o mundo realizando trabalhos braçais, buscando ser respeitado e amado pela gente comum, além do aprendizado de toda sorte de conhecimento prático que ele adquiria com isso.

Mais para o final do livro é mencionado que, durante as suas andanças pela Europa e pelos EUA, ele teria encontrado um alemão que havia fundado uma nova escola de filosofia (esse alemão mencionado por Rakhmetov seria mais tarde identificado pelos marxistas russos como sendo o próprio Karl Marx, embora isso não seja dito no livro. Marx, inclusive, só publicou “O Capital” cerca de quatro anos depois que Tchernichevski publicou “O que fazer?”, então não parece ter muito sentido isso).

00:11:59 - Francisco Seixas

Apesar de ser um personagem completamente fictício, Rakhmetov é essencial para entender a mentalidade dos revolucionários da chamada “geração de 1860”. Nihilista, materialista e completamente abnegado em relação à “causa”, ao “povo”, Rakhmetov representa para Lenin e os bolcheviques o protótipo do “novo homem” soviético.

Esse livro “O que fazer?” foi um grande best-seller russo da segunda metade do século XIX. Era o livro de cabeceira do jovem Lenin e foi apelidado pelos seus críticos de “manual do radicalismo”, por ter influenciado toda uma geração a abandonar tudo pela “causa”. Como citamos na primeira parte desse episódio, muitos membros dos círculos socialistas abandonaram suas carreiras universitárias para dedicar-se a “esclarecer” o povo, empregando-se em fábricas ou em vilas do interior do país.

Quando um estrangeiro é indagado sobre qual o mais influente escritor russo de todos os tempos, em geral as respostas oscilam entre Turguenev, Tolstoi e Dostoievski. Mas para os russos é um consenso de que o mais influente - não o melhor, mas o mais influente autor do país é ele: Nikolai Tchernichevski. Apesar de toda a importância histórica de sua obra-prima, “O que fazer?”, o livro foi publicado no Brasil pela primeira vez apenas bem recentemente, em 2015, tendo uma única edição até o momento...

Plekhanov

Como o pai de Lenin havia sido um homem muito respeitado pela monarquia, a sua viúva, a mãe de Lenin, Maria Ulyanov, tinha bastante influência no governo, e conseguiu através de seus contatos que o filho mais moço fosse perdoado pelo Ministro do Interior e recebesse autorização para voltar a cidade de Kazan. O ministro, entretanto, manteve sua expulsão da universidade. De volta a Kazan, Lenin aderiu ao círculo socialista organizado por Nikolai Fedoseev, que se dedicava a estudar a obra de Karl Marx. Foi neste círculo que Lenin se converteu as teorias marxistas de evolução social em etapas através da luta de classes e da superação do capitalismo pelo socialismo, e do socialismo pelo comunismo, como uma inevitabilidade histórica.

Ciente das atividades políticas do filho em Kazan, sua mãe decidiu adquirir uma casa na vila de Alakaevka, no interior da província de Samara. Os Ulyanov, incluindo Lenin, se mudaram para essa casa em setembro de 1889. Então Maria Ulyanov imaginava que afastado dos grandes centros urbanos, o filho acabaria ficando longe da política e se dedicaria à agricultura. E como vocês já devem imaginar, não foi o que ocorreu. Na cidade de Samara, a capital da província homônima, Lenin entrou para o círculo de estudos de Alexei Sklyarenko, onde colaborou com uma tradução não oficial de “O Manifesto Comunista”, de Marx e Engels. Foi nessa época também que Lenin conheceu e trabalhou com Georgi Plekhanov, conhecido como o pai do marxismo na Rússia.

Esse Georgi Plekhanov era oriundo da baixa nobreza russa e havia abandonado o socialismo agrário defendido pelos narodniks após travar conhecimento com os grupos social-democratas na Suíça, e em particular, após conhecer o trabalho de Karl Marx e Engels, tendo chegado a trocar correspondência, inclusive, com o Engels. Convertido para a “doutrina econômica” marxista, Plekhanov passou a defender que o desenvolvimento do socialismo na Rússia dependia antes de mais nada do desenvolvimento pleno do capitalismo (vide o **episódio #71 As Teorias Marxistas**). Além disso, como Plekhanov execrava qualquer tipo de ação revolucionária violenta e procurou afastar-se do Liberdade do Povo, que considerava uma organização terrorista. Visando combater as ideias dos círculos narodniks, que julgava serem fantasiosas e ingênuas, Plekhanov fundou, em 1883, um grupo de estudo próprio, batizado de “Emancipação do Trabalho”, que foi o primeiro grupo de estudos marxistas russo, embora formado por russos expatriados na Suíça, como o próprio Plekhanov.

00:16:09 - Jorge Virgilio

Exatamente, Francisco.

Esse grupo Emancipação do Trabalho tinha como objetivo difundir as ideias de Marx e Engels e, principalmente, no que elas se diferenciavam do socialismo agrário ou romântico, que estava muito em voga ali na Rússia nesse período.

Plekhanov e seu círculo acabaram atraindo muitos russos jovens e adeptos do materialismo filosófico como o próprio Lenin. O Plekhanov era ele próprio um admirador da obra de Tchernichevski e foi hábil em ligar a filosofia materialista desse escritor russo com o materialismo histórico marxista.

Alguns anos mais tarde, em 1895, Plekhanov publicaria um trabalho que teria forte influência em Lenin e em outros revolucionários de sua geração. O livro chamava-se “O Desenvolvimento de Uma Visão Monista da História” e defendia que as etapas evolutivas de todas as sociedades, independentemente da cultura, seguiam, digamos assim, o mesmo “roteiro”, visto que as necessidades materiais humanas eram basicamente as mesmas por toda parte. Esse livro foi muito influente na difusão do marxismo na Rússia, pois ele incrivelmente ele conseguiu ser publicado legalmente na Rússia, sendo difundido por todos os círculos socialistas da época sem qualquer tipo de repressão do governo czarista. O próprio Engels chegou a escrever a Plekhanov dizendo que era “muito oportuno” que seu livro tivesse conseguido ser publicado sem censura.

Mas, voltando ao ainda totalmente desconhecido Vladimir Ulyanov, em 1890, com a ajuda dos contatos da mãe, ele conseguiu que as autoridades russas lhe permitissem ser um estudante externo da Universidade de São Petersburgo. Ele estudaria em casa e mais tarde prestaria os exames da universidade. Se fosse aprovado, obteria o título de bacharel em Direito. A mãe imaginava que estudando sob suas vistas ao invés de em total liberdade na capital do Império seria mais fácil controlar as suas atividades subversivas. O Lenin ele acabou se graduando em Direito no ano seguinte, em 1891, inclusive com distinção, mas permaneceu os anos seguintes em Samara trabalhando como assistente na corte regional e depois como assistente de um advogado, devido ao falecimento de sua irmã Olga, que morreu de tifoide por essa época.

Junto com seus amigos do círculo de Alexei Sklyarenko, Lenin continuou trabalhando no desenvolvimento de suas ideias políticas e econômicas. Inspirado por Plekhanov, ele buscava “cientificizar” o socialismo russo. Dessa forma, dedicou muito do seu tempo a recolher dados sobre a economia camponesa russa, tentando tornar suas concepções sociais e econômicas as mais científicas possível. Como Lenin combatia o pensamento narodnik, ele não conseguia publicar seus artigos sobre economia nos jornais narodniks, que eram os principais jornais socialistas. E como ele era igualmente rejeitado pelos jornais liberais devido às suas inclinações marxistas, o futuro grande líder soviético acabou permanecendo num limbo restrito ali à província de Samara.

Em 1893, buscando se aproximar das principais lideranças revolucionárias, Lenin decide se mudar para São Petersburgo, onde também se empregou com assistente de um advogado e se filiou a uma célula marxista auto-denominada “Social-Democrata”, que tinha como inspiração o Partido Social-Democrata da Alemanha. A principal tarefa dos círculos socialistas por essa época fossem eles marxistas ou socialistas agrários ou mesmo anarquista, era salvo-guardar os livros que haviam sido banidos pelo regime czarista, como a própria obra de Marx. Para tal, as diversas células socialistas criaram bibliotecas subterrâneas, onde esses livros eram escondidos e debatidos. Também possuíam gráficas

clandestinas onde faziam cópias dessas obras e onde imprimiam artigos e panfletos de suas principais lideranças, que depois eles distribuíam em fábricas e no interior do país. Num dos grupos de estudos marxistas que Lenin frequentava, ele conheceu uma jovem professora chamada Nadezhda Krupskaya, mais conhecida como Nadya, que viria a ser a sua esposa até a sua morte em 1924.

Um dos principais objetivos de Lenin era fortalecer a relação entre o seu grupo Social-Democrata em São Petersburgo e os demais grupos marxistas da Europa Ocidental, em particular o Emancipação do Trabalho do Plekhanov. Desse modo, em 1894, Lenin decidiu ir numa viagem à Europa Ocidental, financiado pela mãe, onde se encontrou com membros do grupo de Plekhanov na Suíça e com o enteado de Karl Marx em Paris, onde Lenin tinha ido para pesquisar sobre a Comuna de Paris, que ele considerava o “protótipo” do governo proletário. Mais tarde, o Lenin rumou para Berlim, onde fez uma extensa pesquisa na biblioteca pública municipal e onde se encontrou com um outro líder socialista, um socialista alemão chamado Wilhelm Liebknecht, um dos fundadores do Partido Social-Democrata da Alemanha.

00:20:57 - Francisco Seixas

Nadya e Bernstein

Pois é... Na volta para a Rússia, Lenin trazia consigo então um bolo de publicações revolucionárias ilegais, que ele pretendia distribuir entre os trabalhadores russos. Por essa razão, acabou sendo preso em São Petersburgo com mais outros 40 ativistas que imprimiam literatura subversiva, sendo acusado de sedição, de incitação à rebelião contra o governo. Lenin ficou preso por um ano em São Petersburgo, sem direito a representação legal ou fiança, enquanto aguardava o julgamento dele. Ele aproveitou esse tempo na prisão para aprofundar seus estudos e desenvolver as suas teorias. Foi nesse período que desenvolveu sua concepção de que a massa de camponeses arrastada para as fábricas dos grandes centros urbanos deveriam ser incitadas para uma derrubada violenta do czarismo e das suas “instituições burguesas”, estabelecendo um “Estado do Proletariado”, a partir do qual seria possível fazer uma transição para o socialismo. Em fevereiro de 1897, ele foi finalmente condenado, sem julgamento, ao exílio na Sibéria por três anos.

Tanto sua mãe quanto suas irmãs acabaram acompanhando ele no exílio, numa jornada até o extremo leste do Império que durou cerca de 11 semanas. Considerado uma ameaça menor para o regime czarista, Lenin apenas precisava permanecer na Sibéria, numa cabana no campo, sob a vigilância da polícia local, tendo, no entanto, total liberdade para escrever e se corresponder com os seus companheiros em São Petersburgo. Inclusive, ele tinha autorização para receber visitas, sem qualquer tipo de restrição. Também tinha autorização para viajar para as cidades vizinhas. De modo geral, pode-se dizer que seu “exílio” não passou de umas férias no campo, onde Lenin passava a maior parte do seu tempo lendo, nadando no Rio lenissei e caçando patos. A região para onde Lenin foi enviado, chamada Shushenskoye, é uma das mais aprazíveis e quentes da Sibéria, apesar de no auge do inverno a temperatura pode alcançar até -40°C.

00:23:01 - Jorge Virgilio

Repreende, Senhor, né? [risos]

00:23:03- Francisco Seixas

Não é uma praia, né? [risos]

Isso é no inverno tá?

Mas olha só:

Em outubro de 1896, enquanto Lenin esteve na prisão em São Petersburgo, sua namorada, Nadya, havia sido presa também, por haver organizado uma greve. Antes de partir para a Sibéria, no entanto, Lenin havia feito chegar a Nadya, através da mãe dela, uma mensagem secreta onde ele a orientava a dizer às autoridades que os dois estavam noivos, história que seria confirmada pelas mães dos dois. Inicialmente, Nadya seria mandada para o exílio em Ufa, no sul da Rússia, mas com a história do noivado, as autoridades permitiram que a menina fosse para Sibéria encontrar seu futuro marido, mas com a condição de que os dois se casassem imediatamente após a chegada de Nadya lá na Sibéria. Os dois se casaram em 10 de julho de 1898 numa igreja ortodoxa local. Juntos passaram a dedicar grande parte do tempo a traduzir textos de socialistas ingleses e estadunidenses para o russo.

Nesse período, o Partido Social-Democrata Alemão, que era então a principal liderança marxista no mundo, sofreu uma divisão interna, liderada pelo revisionista Eduard Bernstein, que defendia uma nova vertente da social-democracia que advogava um caminho pacífico e democrático para alcançar o socialismo. Só para dar uma explicada: revisionista é o nome que se dá àqueles que se opõem ao marxista clássico, ou seja, as ideias de Marx e suas conclusões tal qual ele as apresentou, e ao dito marxismo ortodoxo, corrente que emergiu após a morte de Marx, e que buscou simplificar e sistematizar suas ideias de modo a propagá-las na forma de partidos políticos e de adaptá-la à realidade atual, corrigindo assim algumas ambiguidades e contradições do trabalho de Marx e Engels. Os marxistas ortodoxos se mantêm fiel, portanto, ao que chamam de método marxista, mas não às interpretações e conclusões de Marx ou Engels. Para os ortodoxos, o método marxista é a base que faz do marxismo não uma simples **ideologia**, mas uma **ciência** capaz de estabelecer um sistema a partir do qual é possível “transformar” a sociedade. Seus dois pilares são o materialismo histórico e o materialismo dialético. Ou seja, toda evolução cultural da humanidade é determinada pela evolução dos seus modos de produção (a infraestrutura determina a superestrutura), o que faz com que o psicológico dos indivíduos e da sociedade estejam em constante transformação, visto que a realidade material também é mutável.

Para Bernstein, todavia, apesar de acreditar numa futura superação do capitalismo e no surgimento de uma ordem socialista, ele não acreditava que o socialismo surgiria da destruição do capitalismo (da mesma forma que o capitalismo não havia surgido da destruição do feudalismo, mas de sua superação). Para ele, todas as tentativas no séc. XIX de rompimento

revolucionário com a ordem política, social e econômica da sociedade haviam fracassado, e, portanto, as lideranças socialistas deveriam se candidatar e se eleger democraticamente dentro da ordem vigente, tal como ela era, buscando progressivamente aperfeiçoar as instituições rumo a uma ordem socialista. O socialismo seria alcançado assim por um processo evolucionário, sem ruptura brusca com a ordem capitalista, ou seja, sem revolução.

Segundo Bernstein, os socialistas revolucionários baseavam suas ideias em leituras equivocadas da fase imatura de Karl Marx, simbolizada pelo seu Manifesto Comunista, livro que o teórico alemão escreveu quando ainda era muito jovem. Na sua opinião, os marxistas deveriam se guiar pela fase mais madura de Marx, representada pelo “O Capital”, onde, na sua leitura revisionista, o próprio Marx defendia uma evolução progressiva do capitalismo rumo ao socialismo, e não a substituição de um pelo outro. Bernstein também defendia que muitas das previsões de Marx estariam defasadas já no final do século XIX, sendo a principal delas a predição equivocada de que o capital industrial ficaria mais e mais centralizado na mão de poucas pessoas.

Para Bernstein, o que se verificava é que havia cada vez mais capitalistas, mais donos de empresas, e não menos, principalmente devido às inúmeras inovações tecnológicas, e, portanto, o capitalismo estaria se tornando mais difuso e não mais concentrado como havia previsto Marx. No limiar do século XX, a classe média estava aumentando e não diminuindo como Marx acreditava que estaria, e muitos novos empreendedores emergiam do próprio proletariado, o que para ele significava que a teoria do valor-trabalho estava errada. Sendo assim, ainda que para Bernstein a reforma das mazelas do capitalismo continuasse sendo a meta principal do socialismo, Marx deveria ser estudado com uma certa desconfiança e não com uma fidelidade quase religiosa.

Esses argumentos revisionistas de Bernstein em relação a ortodoxia marxista não foram muito bem recebidos por Lenin, evidentemente, né? Porque ele era defensor de uma revolução violenta e da “morte” senão do capitalismo em si, ao menos do que ele chamava de “instituições burguesas”, a ideia de uma transição pacífica e democrática para socialismo era inconcebível para ele.

Ainda no exílio lá na Sibéria, publicou um manifesto chamado “Um Protesto dos Social-Democratas Russos” onde atacava furiosamente Bernstein e os seus seguidores. Em 1899, publicou também o seu maior livro até então batizado de “O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia”, onde criticava o socialismo agrário e fazia uma análise marxista do desenvolvimento econômico russo até aquele momento. Foi na publicação desse livro que usou pela primeira vez o pseudônimo “Vladimir Ilin”. O livro entretanto recebeu críticas bastante negativas e foi em grande parte ignorado pelos socialistas russos.

00:29:07 - Jorge Virgilio

Que fazer?

Em 1900, terminado o exílio, Lenin mudou-se para a cidade de Pskov, no noroeste da Rússia, bem na fronteira ali com a Estônia, onde começou a juntar

fundos para fundar um novo jornal chamado de “Iskra”, que significa “A Faísca” em russo, para propagandear as ideias marxistas defendidas pelos Social-Democratas russos, agora reunidos sob a sigla do Partido Operário Social-Democrata Russo, o RSDLP, partido fundado em Minsk, na Bielorrússia, com o objetivo de unificar todos os marxistas russos sob uma única bandeira. O partido era ilegal e dedicava-se a combater dois inimigos: os narodniks, os socialistas agrários, seus principais concorrentes, e evidentemente o Regime Czarista. Sabendo que o seu jornal seria censurado, Lenin deixou novamente a Rússia em julho para uma nova “turnê” pela Europa Ocidental, estabelecendo-se em Munique, em setembro de 1900.

Aliás, o Lenin era um cara que tinha uma vida bem tranquila, porque ele viajava na hora que ele queria. [Comentário do Francisco: Viajava pra caramba, né?] Exatamente.

Lá em Munique, com contribuições de artigos de vários nomes proeminentes dos círculos marxistas de toda a Europa, incluindo o já mencionado Georgi Plekhanov, Lenin conseguiu finalmente lançar o seu jornal, que passou a ser contrabandeado para a Rússia, tornando-se o maior sucesso editorial do “submundo socialista” até então.

Ele adotou o pseudônimo “N. Lenin” nos artigos de sua autoria pela primeira vez no ano seguinte, em 1901, sendo “Lenin” uma referência ao Rio Lena, um dos três rios mais importantes da Sibéria, enquanto que N. não tinha nenhum significado particular, embora tradicionalmente se diga que era a abreviação de Nikolay, em referência a Nikolay Tchernichevski, que era o autor favorito quando adolescente.

No ano seguinte, em 1902, Lenin lançou o seu mais importante e conhecido trabalho chamado “**Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento**”, onde ele delineava quais deveriam ser as ações do movimento social-democrata russo antes e após a derrubada do Regime Czarista.

Neste livro, em particular, o Lenin defende que os trabalhadores por si mesmos jamais conseguiriam atingir uma “consciência de classe”. A mera disputa por melhores salários e melhores condições de trabalho não os tornaria espontaneamente marxistas.

Os trabalhadores por eles próprios poderiam até formar sindicatos e outras formas de trabalho em cooperativas, mas a mera sindicalização dos operários e camponeses não levaria a compreender o socialismo científico. Para entender o marxismo, era preciso entender de política, segundo ele. E para entender de política, era preciso entender a sociedade como um todo, não apenas o fragmento do seu nicho de trabalho.

Assim, para Lenin, essa “consciência política” marxista só era acessível a uma classe de representantes esclarecidos, ou seja, de intelectuais, em geral das camadas mais abastadas da sociedade, como eram o próprio Marx e o Engels, que eram tudo menos pobres.

Nas palavras de Lenin, “a consciência política só pode ser trazida aos trabalhadores [...] de fora da disputa econômica, de fora da esfera de relações entre trabalhadores e empregadores. A única esfera da qual é possível obter esse tipo de conhecimento é a esfera das relações (de todas as classes e estratos) com o Estado e o governo, a esfera da inter-relação entre todas as classes”. Ou seja, na concepção de Lenin, só uma casta de intelectuais que se ocupasse única e exclusivamente dessa árdua tarefa de discutir política - tipo aí galerinha do MBL, aqui no Brasil - só essa casta que seria de fato capaz de entender a sociedade bem o suficiente para guiá-la corretamente (no caso de Lenin, entenda-se que seria em direção ao marxismo). Os restantes dos mortais, como nós assim, que têm um emprego, esses não teriam nunca conhecimento o bastante para saber o que é melhor para eles (Um abraço, novamente, para o pessoal do MBL que nunca trabalhou - e que também nunca estudou, diga-se de passagem - mas sabe tudo de Brasil, de economia brasileira e de gestão pública de alto impacto...) e um abraço para o amigo do Francisco Seixas, o Guilherme Boulos, que, apesar de estar do outro lado, também se enquadra um pouco nestas características. No caso do Boulos é um filósofo da alta classe paulistana que vai iluminar o Brasil defendendo os pobres e oprimidos. [ironia]

[Comentário do Francisco: Exatamente. Só que ele não é meu amigo não, tá, cara? (risos). Aliás, de nenhum dos dois lados eu tenho amigos, entendeu? E, pelo que eu pude entender até agora, pra você ser um cara como o Lenin falou, você podia fazer qualquer coisa, ser engajado nas ideias, não sei o quê, mas tu tinha que ter dinheiro e não podia trabalhar. E gastar todo o seu tempo em cima desse negócio, pelo que entendi].

[Comentário do Jorge: Exatamente! Você tinha que ser uma pessoa extremamente culta e estudada, e que só ficasse ali discutindo política. Tinha que ser uma pessoa à parte na sociedade].

[Comentário do Francisco: ou então quem sabe casar com uma mulher rica, aí então ela vai te sustentar e você pode fazer essas coisas]

[Comentário do Jorge: Ou ter uma mãe rica, também serve].

00:33:54 - Jorge Virgilio:

Enfim... voltando aqui para as ideias de Lenin, a melhor forma dos intelectuais “guiarem” o povo era formar um partido de vanguarda revolucionário, que dedicaria 24h do seu dia, sete dias por semana, 365 dias por ano, a difundir essas ideias marxistas, comunistas para a população, esclarecendo quaisquer dúvidas que as pessoas eventualmente tivessem, sobre qualquer coisa, do papel higiênico à luz elétrica, comentando cada notícia que fosse publicada nos jornais ou que circulasse pelas ruas, etc. Dispensados dessa exaustiva função de pensar no que é certo ou errado, função essa que o Partido se sacrificaria em exercer pelo bem geral, os trabalhadores poderiam se dedicar a exercer apenas sua função primordial, que é de trabalhar mesmo.

E a gente vê muito isso hoje com esse pessoal que diz que é *digital influencer*, que quer ser a consciência das pessoas, dizer para as pessoas até como elas devem reagir pros vídeos do Youtube. Parece que não é só o Lenin. Parece que essa coisa agora virou moda, e está já saindo aí dos círculos comunistas.

E também um comentário sobre essa obra do Lenin, que eu esqueci de fazer. Você vê que o livro dele se chamava “O que fazer?”, que é uma referência ao livro “O que fazer?” do Tchernichevski. [Comentário do Francisco: Exato!]

Em resposta ao trabalho de Lenin e ao partido criado pelos social-democratas russos, os narodniks criaram o seu próprio partido, o Partido Socialista Revolucionário. Apesar de Lenin ser marxista, e os marxistas em geral considerarem que a força revolucionária vinha dos operários das fábricas, ou seja, do trabalhador urbano, proletarizado, ele concordava com os narodniks que os camponeses também eram um importante componente revolucionário ali na concretização do Estado socialista. Por essa razão, o símbolo da União Soviética trazia uma foice e um martelo, representando a união entre os operários nas cidades, nas fábricas, e os camponeses no meio rural, nas fazendas.

00:35:48 - Francisco Seixas

Julius Martov

Após ter sido libertada do exílio lá na Sibéria, a Nadya veio se juntar ao seu agora famoso marido em Munique, tornando-se, então, a sua secretária. Devido à sua atividade política e às suas publicações, Lenin começou a ser perseguido pela polícia da Baviera e teve que se mudar para Londres, levando para lá a sede do seu jornal, o Iskra, em abril de 1902. Em Londres, Lenin conheceu outro marxista russo, que havia fugido do exílio na Sibéria, e que viria a se tornar o seu braço direito: eu estou falando Leon Trotsky. Pela sua habilidade com a escrita, Trotsky recebeu o apelido de “Pero”, ou pena ou caneta em russo, e logo tornou-se um dos principais - senão o principal - escritor do Iskra. Em julho 1903, o Partido Operário Social-Democrata Russo realizou um congresso em Londres para tratar de temas relativos ao programa e ao estatuto do partido. Nesse congresso, surgiu uma rixa entre Lenin e outra importante liderança do partido, que era o tal do Julius Martov (“Julius Martoff”).

Martov, assim como Trotsky, era de uma família judia de classe média, nascido em Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, embora tenha crescido na Rússia. Como muitos jovens russos de sua geração, incluindo a sua própria irmã, a Lydia Dan, Martov aderiu ao socialismo após a grande crise russa de 1891, causada pela fome e pelo cólera, e que vitimou meio milhão de pessoas.

Apesar da crise de 1891 ter se dado principalmente por razões climáticas e de o czar Alexandre III estar muito mal de saúde nessa época, as graves consequências desse evento foram imputadas pelos socialistas à monarquia como estratégia para recuperar a popularidade que haviam perdido após o bárbaro assassinato de Alexandre II, como nós vimos lá na primeira parte.

Então Martov conheceu Lenin ainda em meados de 1890, tendo os dois trabalhado juntos em São Petersburgo divulgando obras marxistas. Assim como Lenin, Martov também foi preso e enviado à Sibéria, só que não para o sul mas para o ártico, em uma região chamada Turukhansk. Pela sua atuação política, assim como Lenin, teve que deixar a Rússia. E, assim como Lenin, foi um dos fundadores do Partido Operário Social-Democrata Russo e do seu jornal, o Iskra.

Martov e Lenin defendiam ideias muito similares contudo acabaram divergindo no segundo congresso organizado pelo Partido Operário, em Londres, em 1903.

A discussão que levou ao rompimento entre eles era sobre quem poderia ser considerado membro do partido. Para Lenin, deveria ser considerado membro do partido apenas uma pequena elite completamente comprometida e moldada pela liderança do partido, enquanto que para Martov a filiação ao partido deveria ser mais flexível e ampla, incluindo todos aqueles que aderissem ao seu estatuto. Enquanto Lenin prezava pela coesão ideológica dos membros do partido, Martov prezava por uma maior representatividade entre eles, e por isso advogava um grande número de filiações ao partido.

Inicialmente, Martov venceu, por 28 a 23, mas pouco depois sete membros que haviam votado com Martov se retiraram do congresso por terem suas reivindicações negadas, o que deu, o que acabou dando, uma maioria de 23 a 21 para o Lenin. Dessa forma, os apoiadores de Lenin nesse congresso ficaram conhecidos como os “bolcheviques”, ou seja, a “maioria” em russo, ao passo que os apoiadores de Martov ficaram conhecidos como os “mencheviques”, ou seja, a “minoria”. Num primeiro momento, Trotsky havia ficado do lado dos mencheviques, mas depois acabou se bandeando para o lado de Lenin por considerar as ideias mencheviques muito moderadas.

Essa reviravolta na votação levou a uma troca de acusações entre os dois grupos, e no final do congresso, ambos já estavam se xingando. De um lado, os mencheviques de Martov acusavam os bolcheviques de Lenin de autocratas e déspotas, enquanto que do outro lado, os bolcheviques de Lenin acusavam os mencheviques de Martov de reformistas e indisciplinados. Enfurecidos, os mencheviques abandonaram o Iskra, o que levou o jornal a publicar, em 1904, uma matéria anti-menchevique chamada “Um passo para frente, dois para trás.” Pouco tempo depois, os bolcheviques acabariam se tornando não apenas a maioria, mas a unanimidade ideológica no comitê central do partido...

00:40:12 - Jorge Virgilio:

Pois é, Francisco.

Nicolau II

Mas, voltando um pouco para a nobreza russa.

A juventude de Nicolau Alexandrovich Romanov, o último imperador da Rússia, foi marcada pelo assassinato de seu avô, o Alexandre II. Ele tinha 12 anos de idade quando o avô foi trazido mutilado para o Palácio de Inverno após o

ataque do grupo de extrema esquerda, Narodnaya Volya. Após o falecimento do avô e a ascensão de seu pai ao trono como Alexandre III da Rússia, o czarévich Nicolau se tornou o herdeiro aparente do trono. Traumatizado pelo que havia ocorrido com o seu pai, o novo czar passou a superproteger o filho, mantendo-o afastado dos negócios do Estado. Quando não estava protegido atrás dos muros do Palácio de Gatchina, Nicolau era enviado para lugares distantes do mundo como o Japão, o Reino Unido, os EUA, o Egito, entre outros países, tendo sido seguramente o herdeiro do trono que mais tempo passou fora da Rússia.

Por essa razão, apesar de ser o herdeiro do trono desde 1881, Nicolau era absolutamente despreparado para o cargo, não tendo assumido qualquer tipo de responsabilidade antes de ser coroado em 1894.

Pouco tempo antes do falecimento de Alexandre III, o Ministro das Finanças da Rússia (o equivalente ao nosso Ministro da Fazenda), Sergei Witte havia alertado ao czar da necessidade do czarévich se inteirar dos negócios do Estado russo, afinal ele vai herdar isso aí. Na época, o ministro Witte tencionava nomear o czarévich Nicolau como presidente do Comitê de Linhas Férreas da Sibéria, mas o czar Alexandre III achava que o filho ainda não tinha maturidade suficiente, e não aceitou a nomeação. Witte insistiu que o czarévich nunca estaria pronto para assumir qualquer responsabilidade do governo, a menos que lhe fosse dada alguma responsabilidade séria com o que se preocupar. O que faz sentido.

Em 20 de abril de 1894, meses antes de assumir o trono, Nicolau ficou noivo da princesa Alix de Hesse, filha do grão-duque de Hesse, Luiz IV, e uma das netas da Rainha Vitória lá do Reino Unido. Que, aliás, a rainha Victória era avó de todo mundo, diga-se de passagem.

[Comentário do Francisco: parece que sim, né? (risos)].

[Comentário do Jorge: todo mundo na Europa era parente dessa mulher, todo mundo da nobreza (risos)].

Enfim, O casal havia se conhecido ainda na adolescência quando a Alix veio a São Petersburgo pela primeira vez para o casamento de sua irmã mais velha, a Elizabeth de Hesse, com um dos irmãos mais novos de Alexandre III, o grão-duque da Rússia, Sergei Alexandrovich Romanov, ou seja, o tio do Nicolau. Nicolau tinha então 16 anos, e Alix, 12. Os dois voltaram a se encontrar e a se apaixonar 5 anos mais tarde, em 1889, numa segunda visita de Alix a São Petersburgo para rever a irmã. Apesar de nutrir sentimentos pelo czarévich, Alix inicialmente recusou seu pedido de casamento devido à obrigação de trocar sua fé luterana pela fé católica ortodoxa russa. Em 1892, o casal voltou a se reencontrar, dessa vez na Alemanha, e Alix acabou cedendo e se convertendo ao catolicismo ortodoxo após um empurrãozinho do Kaiser Guilherme II, que era seu primo, e que considerava que o casamento dela com o czar da Rússia, o futuro czar da Rússia, era conveniente aos interesses da Alemanha.

Inicialmente, o Alexandre III e sua esposa Maria foram contra esse casamento. Aparentemente, eles não tinham tido uma boa impressão dessa tal Alix de Hesse. Mas, enfim, com o agravamento da saúde do Alexandre III era imperativo que o príncipe herdeiro se casasse o quanto antes e começasse a ter herdeiros para o trono. O trono não podia ficar sem herdeiros. Dessa forma, Alexandre III finalmente autorizou o filho a se casar, recebendo a futura nora no seu leito de morte em outubro de 1894. Rebatizada na Igreja Ortodoxa, Alix adotou o nome de Alexandra Feodorovna. Depois Alexandra Feodorovna Romanov. Dez dias depois disso, o Alexandre III faleceu aos 49 anos. Antes de morrer, no entanto, alertou ao filho que ouvisse os conselhos do Ministro Witte, que ele julgava ser seu ministro mais capacitado. Desolado com a morte do pai, Nicolau adiou o casamento com Alix para a primavera de 1895. E após ser coroado informalmente pelo padre da família imperial, o agora entronado czar Nicolau II procurou o seu primo e cunhado o Grão-Duque Alexandre para lhe perguntar: “O que será de mim e de toda Rússia?”

[Comentário do Jorge: Você vê que o cara era realmente uma pessoa muito preparada (ironia)]

(risos)

Bom, o Nicolau II podia não saber o que seria da Rússia, mas lá fora, para além dos muros do palácio real, a juventude socialista revolucionária fabricava a sua própria resposta.

00:44:46 - Francisco Seixas:

Domingo Sangrento

Exatamente e olha só, sem ter um plano de governo bem definido, Nicolau II decidiu ir pelo caminho mais simples dando continuidade às políticas já iniciadas pelo seu pai. Uma delas era fortalecer as relações da Rússia com a França, em prol da pacificação do continente europeu, o que culminou na conferência pela paz de Haia, as convenções de Haia, de 1899, onde, junto com a convenção de Genebra, tentou-se estabelecer as primeiras leis para regulamentar as guerras. Devido a esse fato, o Nicolau II e o diplomata russo Friedrich Martens estiveram cotados para o Nobel da Paz em 1901.

Mas ironicamente, pouco tempo depois, Nicolau II acabou se envolvendo numa guerra com o Japão. Os japoneses estavam em plena expansão no leste asiático e almejavam varrer a concorrência para fora. Assim, em fevereiro de 1904, a marinha nipônica atacou de surpresa, sem qualquer declaração formal de guerra, uma frota de navios russa ancorada em Port Arthur, na Manchúria.

Como havia uma grande insatisfação na Rússia nesses primeiros anos do século XX, o czar considerou que a guerra contra os japoneses poderia ser o momento ideal para unir e levantar o moral da nação. Ele acreditava que os japoneses seriam facilmente vencidos por serem racialmente inferiores, mas acabou subestimando as forças nipônicas, que por essa época já era uma das três maiores Marinhas do mundo. E pra piorar a situação, alegando uma suposta neutralidade, o Império britânico não permitiu o deslocamento de frotas russas através do canal de Suez.

Somado esses empecilhos com as dificuldades logísticas de cruzar toda Rússia rumo a fronteira leste, a derrota dos russos pelos japoneses se tornou apenas uma questão de tempo. E desse modo, a guerra acabou se voltando contra o próprio czar, servindo para diminuir ainda mais a sua popularidade.

Com a sua imagem pública e a sua autoconfiança destruídas, Nicolau II estava com os nervos à flor da pele. O fracasso da Rússia em derrotar uma potência não ocidental e não cristão era o desmoronamento completo do prestígio da monarquia, e as diversas células socialistas souberam se aproveitar disso para atacar o regime. Vários piquetes e assassinatos eram organizados por toda a parte. Segundo o que o próprio Nicolau II escreveu em seu diário: “Não suporto ler os jornais. Não há nada além de greves em fábricas e escolas, policiais, Cossacos e soldados assassinados, distúrbios, desordem, motins. [...] Nós estamos no meio de uma revolução com um aparato administrativo inteiramente desorganizado, e nisso jaz o perigo.”.

Esse era o clima psicológico em que se encontrava o czar quando em 22 janeiro de 1905, um domingo, o padre ortodoxo Georgy Gapon organizou uma marcha para levar uma petição dos trabalhadores de São Petersburgo até o czar, no Palácio de Inverno.

Mas quem era esse Padre Gapon? O Padre Gapon era uma espécie de líder sindical, bastante influente entre os trabalhadores, e um defensor de melhorias nas condições de trabalho. Entretanto, diferentemente dos socialistas, ele era pró-monarquia.

A organização que ele havia criado para representar os trabalhadores, chamada de Assembleia das Fábricas Russas e dos Operários de São Petersburgo, contava, entre seus patrocinadores, com o Departamento de Polícia de São Petersburgo, e a polícia secreta imperial, a Okhrana. Dessa forma, a marcha que ele havia organizado até o palácio para entregar a tal petição por reformas trabalhistas era totalmente pacífica, e se assemelhava mais a uma procissão. No dia anterior, em 21 de janeiro de 1905, havia ocorrido uma greve geral na cidade e ele pretendia resolver a situação com uma carta entregue em mãos ao czar, apelando para os seus sentimentos em relação aos seus fiéis súditos.

Nicolau II, entretanto, estava convencido que Gapon era um “padre socialista” devido a sua atuação junto aos trabalhadores, apesar de Gapon ser uma figura absolutamente conservadora, e como já dissemos, colaboracionista com a polícia. Mesmo o padre tendo avisado com antecedência as autoridades sobre o evento, os ministros do czar foram tomados de pânico. O czar propriamente dito, após ser informado pelo chefe da polícia sobre essa “marcha do padre socialista”, havia decidido se retirar na noite anterior ao evento para o Palácio de Catarina, em Tsarskoye Selo, um dos palácios de verão dos Romanov. Como precaução, ordenou ao Ministro do Interior, Sviatopolk-Mirsky, que trouxesse tropas adicionais para guardar o Palácio de Inverno.

Assim, no domingo dia 22 quando essa marcha de trabalhadores vindo de braços dados pelas ruas de São Petersburgo, cantando o hino imperial, “Deus salve o Czar”, com bandeiras russas e santos católicos a tiracolo, e que se dirigia para a grande praça defronte ao Palácio de Inverno, ela foi

simplesmente atacada pelas tropas do governo. Linhas de infantaria bloquearam as principais pontes e boulevards da cidade, cercando a multidão. Capturados pela armadilha, os manifestantes não tiveram para onde correr e os soldados simplesmente abriram fogo em cima de todo mundo, homens, mulheres e mesmo crianças. Os que estavam na linha de frente simplesmente caíam como moscas. O número total de mortos diverge bastante: segundo o governo czarista, 96 pessoas foram mortas e 333 ficaram feridas. Segundo os principais jornalistas socialistas, mais de 4000 pessoas teriam morrido. Os autores moderados, entretanto, concordam que cerca de mil pessoas morreram metralhadas ou em consequência do pânico.

00:50:26 - Jorge Virgílio:

Devido a esse assassinato aí do pessoal, o Nicolau II recebeu o apelido, depois, de Nicolau O Sanguinário.

00:50:33 - Francisco Seixas:

Exatamente. E o Gapon conseguiu escapar do tiroteio se misturando na multidão e trocando suas roupas de padre por roupas comuns. A sua organização em prol dos trabalhadores foi fechada e ele precisou fazer o que? Precisou fugir da Rússia. A partir daí passou a execrar o czar. Nas palavras do padre Gapon, “Nicolau Romanov, ex-czar e no presente a alma assassina do império russo. Era assim que ele definia o czar, o Nicolau II. E dizia mais: o sangue inocente dos trabalhadores, de suas esposas e de seus filhos jaz para sempre entre você e o povo russo. Que o sangue que você derramou caia sobre você! Conclamo todos os partidos socialistas da Rússia para chegar a um acordo imediato entre eles e fazer um levante armado contra o Czarismo.” E fecha aspas, ou seja, deu errado aí pro Nicolau II.

No exterior, o Gapon foi recebido pelo grupo de Lenin e Plekhanov, e também por socialistas franceses, e principalmente, pelos membros do Partido Socialista Revolucionário. Mais tarde, após o Nicolau II publicar o Manifesto de Outubro de 1905, o padre acabou retornando para a Rússia e reatando os seus laços com a Okhrana. Um dos membros do Partido Socialista Revolucionário, acabou entreouvindo uma de suas conversas com a polícia e acabou denunciando ele ao chefe do partido como traidor. O Gapon tentou se defender alegando que fazia o papel de agente duplo em nome da causa dos trabalhadores, mas a explicação acabou não colou muito e em 26 de março de 1906, Georgy Gapon foi encontrado enforcado nos arredores de São Petersburgo...

00:52:10 - Jorge Virgílio:

Olha aí Francisco, essa galera da Rússia não dormia em serviço hein?

00:52:13 - Francisco Seixas:

Lá era assim, escreveu e não leu, o pau comeu.

00:52:26 - Jorge Virgílio:

Revolução de 1905

Após a tragédia que entrou para a História como o “domingo sangrento”, a pressão popular contra a autocracia do czar se tornou gigantesca. Em fevereiro de 1905, em retaliação ao “domingo sangrento”, o tio do Nicolau II, o grão-duque Sergei, foi explodido por um grupo socialista quando saía do Kremlin de Moscou. Em retaliação aos que retaliaram, Nicolau II enforcou os revolucionários que assassinaram o seu tio. Aliás, deveria ser uma coisa muito bizarra a Rússia, nessa época. As pessoas sendo explodidas assim, de tempos em tempos. [ironia]

00:52:55 - Francisco Seixas:

Lá o pessoal já ia direto pras cabeças, o pessoal já se resolvia com morte. [ironia].

00:53:00 - Jorge Virgílio:

Exatamente! Bom, como forma de trazer o país de volta para os eixos, o ministro Witte havia proposto a Nicolau II a criação de parlamento, tendo ele próprio, o Witte, como primeiro ministro, e representantes de todas as províncias escolhidos a partir de representantes eleitos dos zemstvos, que eram lá os conselhos campestres, e dos conselhos municipais, nos grandes centros urbanos. Entretanto, Nicolau II ele não aceitava a redução de seus poderes. Em suas próprias palavras, abre aspas: “Quero que todos saibam que eu devotarei toda minha força para manter, pelo bem de toda a nação, o princípio da absoluta autocracia, tão firme e fortemente como fez meu lamentavelmente falecido pai”, fecha aspas.

Bom, enfim, o cara falou, sou absolutista e vou continuar sendo e vocês que se lasquem.

Enquanto isso a guerra contra os japoneses ia de mal a pior. De fato, era uma guerra perdida mantida por puro orgulho do czar. E é daí que a gente vê, que falta faz um parlamento. Em junho de 1905, o navio Potemkin, parte da frota do Mar Negro, já havia realizado um motim. O motim este, aliás, que serviu de inspiração para os marinheiros brasileiros, como mencionamos no **TC #70 Os Dragões do mar**. Entretanto, somente por volta de agosto, quando a marinha russa estava completamente aniquilada, não sobrou nada da marinha russa, foi aí que Nicolau II não teve outra opção e se rendeu. A rendição russa aos japoneses teve como intermediários o presidente dos EUA, o Theodore Roosevelt, e o ministro russo Sergei Witte, que foi o chefe plenipotenciário do acordo. Em setembro de 1905, o acordo de paz entre russos e japoneses foi finalmente assinado em Portsmouth, em New Hampshire, nos EUA.

Aproveitando alí o seu sucesso diplomático na resolução do conflito, o ministro Witte voltou novamente a sondar Nicolau II sobre a possibilidade de uma assembleia que limitasse os poderes do czar. Em fevereiro, o czar já havia aceitado a criação de uma assembleia nacional mas apenas em caráter consultivo, sem poder de veto sobre as ações do czar. Ou seja, faz uma

assembleia aí, eu pergunto a opinião deles, se eu concordar, concordei. O Witte, no entanto, achava que a estabilidade do governo dependia da criação de um parlamento aos moldes do parlamento britânico, que não só trouxesse mais representatividade para os diversos setores do império, como também desvinculasse o czar dos problemas do governo. O czar, porém, continuava irresoluto na defesa de sua autocracia, até que em outubro de 1905, a população de São Petersburgo resolveu fazer uma grande greve. Uma greve que foi tão grande cortou até o fornecimento de eletricidade da cidade.

A situação era crítica e Witte aproveitou para pressionar o czar dizendo que eles estavam à beira de um cataclisma revolucionário, e que esse cataclisma só poderia ser resolvido pela modernização do regime. Para tal, Witte havia preparado um manifesto onde o czar desistia de parte do seu poder e estabelecia uma Duma Imperial, que é uma espécie de parlamento, tendo ele próprio Witte como seu primeiro ministro. Entretanto, a coisa acabou se resolveu quando, de forma até meio melodramática, um outro grão-duque, que era o tio-avô de Nicolau II, e que também se chamava Nicolau, ameaçou se suicidar se o sobrinho não assinasse o manifesto redigido pelo ministro. Assim, Nicolau II, cercado até pelos familiares, finalmente assinou o manifesto de Witte, estabelecendo a Duma, embora se dissesse, abre aspas: “enojado pela traição a dinastia dos Romanov”, fecha aspas. Entre outras coisas, a Duma teria a tarefa de redigir uma nova constituição para o Império. O manifesto também assegurava uma série de novas liberdades civis na Rússia, como a formação de novos partidos políticos e o sufrágio universal para os homens (as mulheres permaneceram excluídas e não podiam votar). Esse manifesto ficou conhecido como o Manifesto de Outubro e foi a primeira grande revolução russa desde o governo do falecido Alexandre II.

Demonstrações de apoio ao czar irromperam espontaneamente na maioria das cidades russas após a publicação do manifesto. Todas as greves em São Petersburgo e nas demais províncias cessaram imediatamente. Além disso, Witte deu anistia política a todos os políticos socialistas russos que estavam no exílio. A maioria das pessoas ficou satisfeita com o resultado, em particular os liberais russos, que representavam os industriais do país, e os chamados “cadetes”, que eram os membros do Partido Constitucional Democrata, que eram assim chamados devido a sigla do partido, que era “KD”. Esses “KD” eram esse pessoal que defendiam a criação de um parlamento, de uma constituição que limitasse o poder do czar, então eles ficaram satisfeitos, pois conseguiram o que eles queriam. Contudo, enquanto os liberais e os cadetes se organizavam para as eleições da Duma do ano seguinte, dois grupos se levantaram com brutalidade renovada contra essa inesperada solução pacífica do conflito.

Um deles foram os conservadores da extrema direita que não aceitavam que os subversivos socialistas fossem perdoados pelo czar ou que judeus pudessem votar. Nos meses seguintes à publicação do manifesto, esse pessoal da extrema direita organizou uma série de ataques violentos contra órgãos e políticos de esquerda, líderes sindicais ou contra famílias judias. Então tinha lá o judeu com a lojinha dele, em qualquer lugar lá de São Petersburgo, o cara ia lá e... sei lá, atacava pedra na loja, coisa desse tipo.

Já o outro grupo que se juntou a extrema direita na sua insatisfação foi o seu irmão gêmeo, a extrema-esquerda, representada pelos revolucionários socialistas, que consideravam que a única solução possível para o conflito era a destruição do Império e o fim do regime czarista. Ou seja, se não tem o fim do regime czarista, não tá bom. Para eles, as eleições eram um embuste do regime para salvar a monarquia. Alguns dos principais ataques da extrema-esquerda ocorreram em Tbilisi, na Geórgia, onde os revolucionários descarrilaram, por exemplo, um trem na ferrovia Trans-Baikal.

Bom, em todo o caso, em 1906, uma nova constituição foi estabelecida para o país. Essa constituição ficou conhecida como “As Leis Fundamentais”, e além de limitar os poderes do czar, instituiu também o multipartidarismo. De forma a recuperar parte de seu poder, no entanto, o czar transformou o Conselho do Estado, cujos membros eram todos indicados por ele, numa segunda Duma, que funcionava como uma espécie de Senado, e que tinham os mesmos poderes da primeira Duma que era eleita. Apesar do czar na Constituição de 1906 ter mantido o título de “autocrata de todas as Rússias”, ele passou a contar a partir de então com algum tipo de limitação no seu poder...

00:59:39 - Francisco Seixas:

Rasputin e a Família Romanov

Exato! E olha só, para além das complicações políticas, Nicolau II vivia também complicações domésticas relacionadas à sucessão. Do seu casamento com Alix, haviam nascido quatro filhas: Olga, em 1895, Tatiana, em 1897, Maria, em 1899 e Anastasia, em 1901, todas com o título de grã-duquesa da Rússia. Nicolau II já começava a perder as esperanças em ter um sucessor masculino quando em 12 de agosto de 1904, a imperatriz deu a luz ao czarevich Alexei Nikolaevich Romanov. Entretanto, o herdeiro do trono havia nascido com uma saúde muito frágil, tendo nascido com Hemofilia do tipo B, que impede que o sangue coagule corretamente. Como se trata de uma doença hereditária, ela é incurável. Os portadores da Hemofilia B costumam ter sangramentos constantes por várias partes do corpo e costumam morrer muito jovens. Devido ao casamento consanguíneo entre os nobres, a doença era muito comum na nobreza europeia, tendo sido apelidada de “doença real” por esse motivo.

Devido às complicações políticas e a fragilidade do regime czarista, a família imperial havia decidido não divulgar que o filho possuía Hemofilia, sendo sua condição considerada um segredo de Estado. Os médicos que tratavam do menino não tinham autorização para divulgar nenhuma informação a respeito e mesmo a maioria dos parentes próximos de Nicolau e de Alix desconheciam a natureza exata da enfermidade dele. Como a medicina da época não permitia qualquer melhora significativa na condição do príncipe, a sua mãe foi enveredando cada vez mais para um lado místico, buscando o conselho e os serviços dos chamados Starets, ou homens sagrados, um tipo de feiticeiro eremita russo ao qual era atribuído poderes curativos. Um desses Starets era um siberiano analfabeto chamado Grigori Rasputin.

Rasputin já vinha adquirindo certa fama na Rússia como milagreiro, particularmente na cidade de Kazan, até que em outubro de 1912, ele foi

convidado pela imperatriz para socorrer o filho em suas crises. O menino havia começado a sangrar sem parar e os médicos reais já haviam dado como condenado. A situação era tão grave que o padre da família real dispensou os últimos sacramentos ao czarévich em 10 de outubro de 1912. Então em pânico, a imperatriz recorreu ao Rasputin. Ele então veio até o palácio, olhou para a imperatriz e o menino e disse, abre aspas: “Deus tem visto suas lágrimas e ouvido suas preces. Não se aflija. O pequeno não morrerá. Não permita que os médicos o perturbem demais.” Fecha aspas. Dito isso, o místico se retirou e no dia seguinte os sangramentos do príncipe cessaram e ele começou a se recuperar.

A partir desse dia a imperatriz se tornou uma devota de Rasputin, defendendo-o fervorosamente contra qualquer um que levantasse qualquer argumento contrário ao curandeiro. Ela se enfurecia contra quem quer que ousasse questioná-lo, até mesmo contra o czar. Por essa época, o ocultismo estava na moda não só na família imperial, mas entre os aristocratas russos. Entretanto, a fé em Rasputin fez com que a czarina se tornasse impopular dentro e fora do palácio. A aristocracia russa não aceitava bem um líder espiritual siberiano de mais de dois metros de altura que mais se parecia com um mendigo e de modos rústicos. O clero, por sua vez, não aceitava a pregação do Staret de que a salvação vinha de buscar Deus em seu interior e não na igreja. E por fim, as mentes materialistas e racionalistas, tanto socialistas quanto liberais, viam a influência do misticismo de Rasputin no governo como um atraso político e cultural.

O sentimento anti-Rasputin cresceu principalmente durante a Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914. Nos jornais, a impopular czarina além de ser acusada de bruxaria era também acusada de espionar para os - agora inimigos - alemães, já que ela era de origem alemã. Logo no começo da guerra, Rasputin disse a czarina que gostaria de ir ao fronte de batalha abençoar as tropas, mas o tio-avô de Nicolau II, o grão-duque Nicolau ameaçou enforcá-lo caso ele aparecesse por lá. Rasputin mudou então de ideia e disse que havia tido uma visão de que os exércitos russos não seriam vitoriosos a menos que o czar em pessoa tomasse a frente no campo de batalha. Convencido pela esposa, o despreparado Nicolau II foi para o fronte de guerra, o que deixou a czarina ainda mais a mercê do místico. Nesse período da guerra, além de guru, Rasputin se tornou seu confidente e conselheiro pessoal. E é claro, não demorou até que os revolucionários e os conservadores (finalmente unidos contra um inimigo em comum) comesçassem a divulgar boatos de que os dois eram amantes. Não existem, de fato, provas de que Rasputin fosse amante da imperatriz, mas é sabido que ele teve várias amantes entre mulheres da nobreza devido aos seus - digamos - talentos menos espirituais. Além disso, foram inúmeros os envoltimentos sexuais de Rasputin com diversas mulheres, grande parte delas casadas.

01:04:52 - Jorge Virgílio:

Olha aí, Rasputin pegador. [ironia]

Bem, em julho de 1914, o Rasputin sofreu a sua primeira tentativa de assassinato. Ele foi apunhalado no estômago por uma camponesa chamada Chionya Guseva quando saía de casa. A camponesa era seguidora de um pregador conservador e antissemita chamado Iliodor, que havia sido, no passado, seguidor de Rasputin, mas que havia rompido com ele devido aos seus escândalos sexuais que o Francisco mencionou. Guseva assumiu a responsabilidade pelo ataque dizendo que havia decidido matar Rasputin após ler sobre ele nos jornais e o tê-lo identificado como “um falso profeta e mesmo um Anticristo.” Entretanto, a polícia e o próprio Rasputin consideravam que esse Iliodor provavelmente havia sido o mandante do crime.

Em 1916, no auge da Primeira Guerra Mundial, um grupo de nobres formado pelo príncipe Felix Yusupov, o grão-duque Dmitri Pavlovich e o político conservador Vladimir Purishkevich decidiram que a influência do curandeiro sobre a czarina havia ido longe demais, a ponto de se tornar uma ameaça para o Império, dando razão aos socialistas para duvidarem da sanidade da família real. Não se sabe exatamente como Rasputin morreu, o que se sabe é que na noite do dia 16 de dezembro, ele foi convidado pelo príncipe Yusupov para ir até a sua casa, no Palácio de Moika, e que no dia seguinte seu corpo foi encontrado boiando no Rio Malaya Nevka. Segundo o próprio príncipe Yusupov, entretanto, o que ocorreu naquela madrugada foi o seguinte. Após a chegada de Rasputin ao palácio, o príncipe o teria convidado para tomar chá com bolo, ambos carregados com uma dose cavalgar de cianureto. O místico teria recusado o bolo mas aceitado o chá, mas para a surpresa de Yusupov o veneno não fez efeito algum em Rasputin. Rasputin então pediu um pouco de vinho madeira (que também havia sido previamente envenenado com cianureto), mas após tomar três taças, o Staret continuava tão bem quanto antes, talvez até melhor. Às 2h30 da manhã, o príncipe se cansou de esperar que o veneno fizesse efeito e foi até o andar de cima, onde estavam os demais conspiradores, e pegou emprestado com eles uma arma, pegou lá a arma do duque Pavlovich. O príncipe teria voltado ao salão, pedido a Rasputin que olhasse o crucifixo que tinha na parede e fizesse uma oração, e enquanto o milagreiro se virava para o objeto, ele teria disparado um tiro que o varou bem no peito. Achando que Rasputin estava morto, o príncipe ordenou a um de seus empregados que vestisse as roupas dele, então ele ficou aí peladão, e saísse do palácio, com as roupas do místico, para que desse a entender que ele tinha ido embora. Ele veio, entrou, participou do jantar e foi embora mais tarde. Quando os conspiradores desceram lá para remover o corpo peladão do Rasputin, esse subitamente se levantou e atacou o príncipe, conseguindo se libertar e correr para os jardins do palácio. O Purishkevich o teria, então, alvejado enquanto corria sobre a neve e depois disso, os conspiradores o teriam enrolado num pano e jogado no rio a partir da Ponte Petrovsky. Então esse é o relato do príncipe Yusupov sobre como o Rasputin morreu, mas a gente não sabe exatamente como aconteceu.

Enfim, o Rasputin foi enterrado pela família imperial numa igreja próxima ao Palácio de Catarina, lá em Tsarskoye Selo. Em 1917, após a queda da monarquia, os socialistas destruíram o seu túmulo e cremaram o seu corpo para que o local não virasse um ponto de peregrinação dos defensores do antigo regime.

01:08:12 - Francisco Seixas:

Pois é, né cara? Mas o cara era ruim de morrer! Mas também né, o cara tinha mais de dois metros de altura, tinha que ter bastante veneno, talvez o cara tenha errado na dose, sei lá.

01:08:22 - Jorge Virgílio:

O cara é siberiano, Francisco. Os caras ficam sem roupa em menos 40° Celcius.

01:08:27 - Francisco Seixas:

É, pode ser isso também, mas olha só...

Revolução de Fevereiro

Após as reformas de 1905 e da anistia, Lenin e várias outras lideranças do Partido Operário Social-Democrata se sentiram confiantes para voltar para casa. De volta à Rússia, os bolcheviques juntaram-se ao jornal de extrema-esquerda Novaya Zhizn, nesse jornal aí, que traduzido do russo para o português se chama Nova Vida, Lenin continuou a advogar a escalada dos confrontos violentos contra o czarismo, enquanto que o seu braço direito, Trotsky continuava a desenvolver suas ideias acerca do que ele chamava de “revolução permanente”, baseado no seu entendimento dos escritos de Marx e Plekhanov. Essa teoria da “revolução permanente” daria origem a uma das várias vertentes ideológicas do marxismo chamada de trotskismo.

Para Trotsky, a implementação de uma sociedade socialista em países em estágio atrasado de capitalismo só seria possível pela “revolução permanente”, ou seja, pela tomada do poder por parte do proletariado e dos camponeses, visto que a burguesia local seria muito incipiente diante da burguesia dos países mais avançados para conduzir o seu país a um estado de capitalismo avançado, condição necessária para o surgimento de um “socialismo espontâneo”, não revolucionário. Nas palavras de Trotsky, abre aspas: “É o nosso interesse e de nossa tarefa fazer uma revolução permanente até que as classes proprietárias tenham sido removidas de suas posições de comando, até que o proletariado tenha conquistado o poder do Estado e até que as suas associações tenham progredido tanto - não apenas em um país, mas em todos os principais países do mundo - que a competição entre os proletários desses países cessem [...] O seu grito de guerra deve ser ‘A Revolução Permanente’, fecha aspas.

Na visão dos trotskistas, o dito Terceiro Mundo permanecerá eternamente nesta condição de subdesenvolvimento devido a incapacidade ou mesmo a impossibilidade da sua burguesia local de se impor sobre a burguesia do dito Primeiro Mundo. Para essa vertente do marxismo, a economia de um país isoladamente é apenas uma peculiaridade dentro do sistema econômico mundial, assim haveria países capitalistas (que se consideram os do primeiro mundo) e países proletários (que seriam os do terceiro mundo). No terceiro

mundo, a burguesia local seria apenas um “capataz” da burguesia mundial, sem poder de impor grandes mudanças no sistema como um todo. Por essa razão, a revolução nos países atrasados teria de vir das classes mais baixas, saltando estágios, e teria de ser internacional, e por isso permanente, indo de país em país até derrubar todo o sistema capitalista.

Apesar de estarem na legalidade e terem seus jornais publicados sem qualquer censura, o Partido Operário Social-Democrata enfrentava sérios problemas financeiros. A maioria dos seus financiadores eram jovens de classe média alta idealistas, que apesar de ricos, não conseguiam manter o partido sozinho.

Assim, Lenin e os bolcheviques começaram a defender abertamente que, em nome da causa do proletariado, seria aceitável não só empregar a violência mas igualmente roubar para financiar o partido. Em 1907, por exemplo, os bolcheviques realizaram diversos assaltos a banco. Um desses assaltos realizados pelos bolcheviques, ocorridos contra um dos bancos públicos da Rússia em Tbilisi, na Geórgia, foi liderado por um jovem jornalista georgiano chamado Iosif Vissarionovič Džugašvili. Iosif ou Joseph, cujo pseudônimo para suas atividades clandestinas era “Koba”, era redator do jornal Pravda, ou “Verdade” em russo, e realizou vários roubos e sequestros para a facção bolchevique de Lenin. Mais tarde, ao mudar-se para a Rússia, esse jornalista descrito por Lenin como “este maravilhoso georgiano representante das minorias étnicas do Império” traduziria o seu sobrenome para soar mais russo. Como Džugašvili significa algo como “filho do aço” ou “homem de aço”, Joseph transliterou seu nome de família para Stalin, que significa “feito de aço” em russo.

No quarto congresso do partido ocorrido em Estocolmo, em 1906, Martov e os mencheviques já haviam denunciado Lenin e os bolcheviques por práticas antiéticas. Na ocasião a facção de Markov havia conseguido que a maioria dos membros do partido ficasse a seu favor, fato que levou Lenin a considerar criar um novo partido. Entretanto, com o dinheiro conseguido por Stalin e outros bolcheviques, Lenin conseguiu subornar as principais lideranças e recuperar o controle do partido no quinto congresso, realizado em 1907 em Londres. No ano seguinte, entretanto, o governo czarista acabou rompendo e desmantelando a Duma imperial, e aproveitou a ocasião para pôr os revolucionários para correr do país. Assim, Lenin acabou tendo que fugir novamente da Rússia com a esposa, a mãe e as irmãs, indo viver em várias partes da Europa Ocidental.

O cara também viajava quando queria, mas às vezes viajava quando não queria, né Jorge?

01:13:35 - Jorge Virgílio:

Exatamente, mas tinha dinheiro pra viajar né? Ser revolucionário assim é fácil, quero ver ser revolucionário com sérias restrições orçamentárias.

01:13:45 - Francisco Seixas:

Exato! [risadas]

01:13:47 - Jorge Virgílio:

Tá, botam você pra correr, se tu não tem dinheiro pra sair, tu vai pra onde?

01:13:49 - Francisco Seixas:

Vai pra cadeia né?

01:13:50 - Jorge Virgílio:

Exatamente, vai tomar porrada!

Então, Lenin estava na Galícia, na Espanha, quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial e ficou bastante irritado com o Partido Social-Democrata Alemão, quando este decidiu apoiar os esforços de guerra da Alemanha. De acordo com as conferências da Internacional Socialista, que eram encontros que buscavam aproximar lideranças socialistas de todo o mundo, os socialistas não deveriam tomar partido contra guerras nacionalistas burguesas. O que importava não era essa ou aquela nação, mas o estabelecimento de uma sociedade socialista mundial, e esta seria a única guerra a ser combatida e vencida. As demais guerras eram apenas guerras imperialistas por disputa de mercado. Assim, os social-democratas alemães com a sua fidelidade à pátria alemã estariam traíndo o socialismo como um todo.

Enquanto isso, na Rússia, as demonstrações de patriotismo não estavam longe de serem menores. Devido a guerra contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, até o nome da capital russa havia sido alterado em 1914, passando de São Petersburgo para Petrogrado, substituindo o termo “burgo” alemão para o termo “grado” russo. Essa origem germânica do nome da cidade vinha do fato dela ter sido construída em grande parte por prisioneiros de guerra suecos. Em todo caso, tanto “burgo” quanto “grado” significam “cidade”. Então o nome permaneceu o mesmo, significando “Cidade de São Pedro”. Agora só mais russo, um pouco.

No início de 1917, em decorrência dos esforços de guerra, a comida em São Petersburgo ou Petrogrado estava sendo racionada. Fora a comida, vários itens de primeira necessidade estavam em falta, e o racionamento atingiam não apenas os mais pobres mas inclusive as classes mais abastadas. Apenas os nobres não eram afetados por esse racionamento, evidentemente. Além disso, as constantes interferências do czar nas liberdades conquistadas na Constituição de 1906, e os sucessivos dismantelamentos da Duma, além de sucessivos escândalos de corrupção, levaram a um descontentamento geral, não apenas dos inimigos socialistas de sempre, mas de diversos setores da sociedade, como os cadetes, os liberais, os conservadores, então quer dizer, reunia ali uma assembleia, mas quando a assembleia começava a votar coisas que o czar não gostava, ele simplesmente desfazia a assembleia, então...

01:16:09 - Francisco Seixas:

Aí é fácil né?

01:16:11 - Jorge Virgílio:

Pois é... Ah, votamos aqui, tem que controlar os gastos aí no palácio. Não, peraí, isso aí tá errado. Entendeu? Então mesmo o pessoal que não era da esquerda, já tava um pouco irritado com isso.

Enfim, em 23 de fevereiro de 1917 pelo calendário juliano (ou 8 de março no nosso calendário), essa insatisfação causada pela guerra e pelo regime czarista irrompeu espontaneamente em vários protestos massivos por toda a capital imperial e redondezas. As mulheres nas intermináveis filas do pão foram as primeiras a protestar, sendo seguidas pelos famintos e cansados trabalhadores das fábricas, que iniciaram, então, uma greve geral. Até mesmo soldados e policiais, também famintos e com salários atrasados, decidiram aderir às manifestações, tornando a situação incontrolável para o governo. Quanto mais tropas desertavam, mais a cidade mergulhava no caos. Armazéns, casas e mesmo os palácios começaram a ser invadidos por saqueadores. No início, os soldados que se mantinham fiéis ao czar tentaram inutilmente conter a multidão, trocavam tiros principalmente com os estudantes socialistas que achavam 'pô, chegou a nossa hora, chegou a revolução' e, nessa confusão toda aí, especula-se que cerca de 1300 pessoas tenham morrido nesses confrontos.

O czar e o seu Conselho de Estado haviam proibidos reuniões públicas. Contudo, em 24 de fevereiro de 1917, no dia seguinte, quase 250 mil pessoas estavam nas ruas pedindo a substituição do czar por um outro membro da família real que fosse mais apto e mais progressista, também, além de, claro, do fim da autocracia e o respeito a Duma. Porque como eu disse, tinham instituído a Duma, mas o czar cagava em cima da Duma.

Como forma de solucionar a caótica situação de São Petersburgo, o presidente da Duma, o Rodzianko, pediu ao chefe do Conselho de Estado, Nikolai Golitsyn, que renunciasse. Já o ministro das relações exteriores, o Nikolai Pokrovsky, chegou mesmo a pedir que todo o governo renunciasse para salvar o regime. O czar e seu conselho, entretanto, optaram por uma solução militar, autorizando o exército a usar mesmo o rifle para conter os protestos. Além disso, a Duma foi desfeita até abril, perdendo o direito legal de agir para apaziguar a situação. Em 25 de fevereiro, a mando do czar, o general Khabalov iniciou o cerco de todo o centro da cidade. Cercas foram erguidas nas principais entradas e saídas e em torno das praças. Em 26 de fevereiro a 4ª Companhia do Exército decidiu se voltar contra o regime e chegou a trocar tiros com a polícia montada da cidade.

01:18:38 - Francisco Seixas:

Até os guerreiros Cossacos que haviam sido enviados pelo czar para controlar os motins haviam decidido aliar-se a população. A questão agora era quem ficaria no seu lugar quando ele caísse. Os socialistas haviam saído na frente, formando o Conselho ou Soviete de Petrogrado, que deveria governar o país logo que a monarquia fosse oficialmente derrubada. Em resposta, os industriais

de Moscou fizeram uma aliança com os banqueiros de São Petersburgo e decidiram apoiar um Comitê Provisório para governar o país, liderado pelo presidente da Duma, Rodzianko. Essa proposta tinha o apoio político do chamado “Bloco Progressista”, formado pelos cadetes, pelos nacionalistas e pelos liberais. Estes queriam uma ampla reforma do regime mas não o fim da monarquia. Rodzianko, entretanto, recusava-se a liderar a revolução contra o czar.

Em 28 de fevereiro, o czar, que estava na cidade de Mogilev, na Bielorrússia, tentou retornar à São Petersburgo mas não foi possível, pois os revolucionários haviam tomado as estações de trem da cidade. Em Primeiro de março (lembrando que todas essas datas são pelo calendário juliano), então em primeiro de março, o Comitê Provisório da Duma, apoiado pelo Bloco Progressista, resolveu dar finalmente o golpe de Estado e declarou a si mesma como o corpo governativo da Rússia. Como primeiro ato, enviaram ao czar um manifesto onde recomendavam que ele abdicasse do trono. Em 2 de março (ou 15 de março do nosso calendário), Nicolau II, isolado na cidade Pskov, finalmente assinou a sua abdicação e a de seu filho Alexei do trono da Rússia em favor de seu irmão mais novo, o grão-duque Michael Alexandrovich. No dia seguinte, entretanto, o Michael Alexandrovich recusou a coroa (tirou o dele da reta, porque ele não era trouxa nem nada), alegando que só a aceitaria se houvesse um consenso democrático a seu favor, a ser decidido pela nova Assembleia Constitucional. Após a abdicação, o ex-czar Nicolau II e sua família foram levados para o Palácio de Alexandre, em Tsarskoye Selo, onde permaneceram sob custódia do governo provisório.

Os dias de Julho

O resultado da Revolução de Fevereiro causou uma grande excitação entre as lideranças socialistas, tanto as radicais quanto as de centro-esquerda. O primeiro ministro a presidir o Governo Provisório foi o aristocrata liberal, o Príncipe Georgy Lvov, que não tinha conexão com qualquer partido. Embora o Governo Provisório de Lvov fosse o único governo legal na Rússia, o Soviete de Petrogrado funcionava como um governo paralelo, com o seu comitê central instalado no mesmo palácio que o Governo Provisório. Ao passo que o Governo Provisório tinha a seu favor a legalidade, o Soviete de Petrogrado tinha a seu favor a maioria dos trabalhadores e dos soldados. Portanto, na prática, o Soviete de Petrogrado tinha mais poder que o governo oficial. Nesse período em que os dois governos coexistiram ficou conhecido como o período do Poder Dual. Inicialmente, o Soviete de Petrogrado era comandado por lideranças mencheviques e outros socialistas moderados, mas quando estes começaram a assumir cargos no governo oficial, o Soviete foi tomado por lideranças radicais, notadamente pelos bolcheviques. Visto que os bolcheviques queriam não apenas uma reforma mas o fim da monarquia, eles não tomaram parte na burocracia do governo provisório, que tentava organizar novas eleições e uma nova assembleia constituinte.

Com o estabelecimento do Soviete de Petrogrado, Lenin decidiu retornar para a Rússia, onde passou a defender o fim da participação russa na Primeira Guerra Mundial (participação que era defendida por Plekhanov, por exemplo, o

que levou Lenin a apelidá-lo de “chauvinista social”). Com slogans do tipo “Todo poder aos Sovietes”, “Paz, Pão e Terra” e “Toda a terra para quem trabalha nela”, Lenin não conseguiu motivar muita gente, em princípio nem mesmo entre os bolcheviques, que já estavam desmotivados com suas palavras e falta de ação. Já para os mencheviques, as incitações de Lenin pela coletivização das terras, nacionalização de bancos e fábricas e outras medidas radicais apenas tinha por objetivo lançar o país numa guerra civil, visto que a Rússia não era suficientemente desenvolvida para ser um país socialista.

Lenin tentava se colocar como o líder do movimento iniciado pelo Soviete de Petrogrado, mas os protestos que ocorriam pela cidade não tinham forma definida, e estavam à revelia de qualquer liderança. De modo geral, o povo de São Petersburgo estava simplesmente cansado de todo mundo. Em julho, Lenin tentou organizar um grande protesto objetivando levantar o moral de seus partidários, num evento que ficou conhecido como os “Dias de Julho”. Cerca de meio milhão de pessoas, incluindo soldados e marinheiros, foram às ruas em São Petersburgo. Eram incitadas tanto pelos bolcheviques, quanto pelos mencheviques, os socialistas revolucionários, os anarquistas, entre outros... Não seguiam o comando de ninguém em específico, estavam apenas insatisfeitas com o governo provisório, principalmente porque a guerra não havia acabado com a abdicação de Nicolau II. Sem liderança clara, o movimento fracassou e o governo provisório sobreviveu. O Príncipe Lvov, que renunciou ao cargo de Primeiro Ministro e em seu lugar assumiu um líder socialista moderado, Alexander Kerensky, membro do Partido Socialista Revolucionário e que já havia feito parte de outras Dumas, sob o regime czarista.

Logo ao assumir, Kerensky acusou Lenin e os bolcheviques de trabalharem com financiamento de bancos alemães e os condenou à prisão. Trotsky acabou preso, mas Lenin conseguiu fugir do país, de novo, indo lá para a Finlândia. Entre outras realizações, Kerensky declarou novamente a liberdade de expressão, o fim da pena de morte, libertou os prisioneiros políticos (com exceção dos bolcheviques), mas manteve a Rússia envolvida na guerra. O movimento contrário à guerra, contudo, crescia enormemente no país, e mesmo aqueles que eram inicialmente a favor, agora mudavam de ideia. Eram frequentes os casos de soldados que simplesmente desertavam e voltavam para a casa.

Assim, em agosto, foi a vez dos militares tentarem tomar o poder, através de um golpe de Estado organizado pelo general Kornilov. Para combater as forças de Kornilov, Kerensky teve de recorrer aos soviets e a sua Guarda Vermelha ou Milícia do Povo, que havia sido organizada de improviso durante a Revolução de Fevereiro, armando-se os trabalhadores de São Petersburgo. Para suplantar as forças de Kornilov, Kerensky distribuiu todas as armas que dispunha aos soviets. Graças a essa ação, Kerensky conseguiu impedir o golpe, tendo assumido igualmente a partir daí o cargo de chefe das Forças Armadas. Contudo, ele também acendeu o pavio do que viria a ser conhecido como a Revolução de Outubro ou o Outubro Vermelho.

01:25:37 - Jorge Virgílio:

Revolução de Outubro

Em setembro de 1917, Lenin publicou o seu livro “**Imperialismo: a fase superior do capitalismo**” onde ele apresentava suas divergências com o marxismo ortodoxo e com Plekhanov. Essencialmente, o livro tentava desqualificar pontos da teoria marxista que não eram convenientes a Lenin. De acordo com Marx, o socialismo se estabeleceria após o pleno desenvolvimento do capitalismo. Devido a isso, em um discurso realizado em Bruxelas, na Bélgica, em 1847, o Marx havia defendido entre outras coisas (e agora eu peço, que quem tiver andando que pare e que quem tiver de pé que se sente) ele havia defendido, entre outras coisas, o Livre Comércio. Quanto mais livre fosse o mercado, mais rápido o capitalismo se desenvolveria, e mais rápido ele cairia também, então era por isso que ele defendia o livre comércio (então, muita gente aí pode ter passado mal com essa informação). No entanto, o que Lenin pregava era o exato oposto disso: Lenin defendia um amplo projeto de nacionalização e estatização dos meios de produção russos, e também a coletivização, controlados, evidentemente por uma pequena elite burocrática (seriam lá os membros do partido). Portanto, até Marx havia se tornado um problema para Lenin, e a doutrina política desenvolvida por Lenin ficou conhecida como leninismo.

Ambos os mencheviques e os socialistas revolucionários, eles haviam perdido muito do seu apoio popular porque eles tinham se filiado tanto com o Governo Provisório quanto com a guerra, eles tinham passado a defender a guerra. Lenin e os bolcheviques souberam se aproveitar dessa impopularidade para assumir a liderança da massa de trabalhadores desiludidos e agora armados pelo próprio governo. Então, como eles não tinham pegado nenhum cargo no governo, eles falaram: nós somos os únicos verdadeiros revolucionários, os outros todos se corromperam, estão aí misturados nessa sujeirada toda, então as únicas pessoas que são revolucionárias aqui, somos nós, os bolcheviques. E, só um comentário, sobre essa questão de armar o povo, porque existem dois grupos que defendem o armamento do povo normalmente, um é a extrema-direita, como a gente vê aqui o Bolsonaro, por exemplo, fazendo um pouco esse papel no Brasil, e o outro grupo e que incrivelmente que defende o armamento da população é a extrema-esquerda, porque a extrema-esquerda considera que, quando o povo tiver armado, vai ser mais fácil tomar o poder.

01:27:48 - Francisco Seixas:

Exatamente! Os extremos, né?

01:27:50 - Jorge Virgílio:

Exatamente! Então, as pessoas que às vezes defendem o armamento, sabem que você está facilitando a vida dos comunistas de raiz, porque como é que eles vão tomar o poder contra o exército se ninguém tiver arma?

Mas enfim, passando aqui adiante, assim, em fins de setembro, os Bolcheviques conseguiram a maioria tanto no Soviete de Petrogrado quanto no de Moscou, sendo Trotsky eleito líder do Soviete de Petrogrado. Assumindo que já era seguro o ambiente político, Lenin retornou para a Rússia no início de

outubro. Em 10 de outubro, Lenin fez um discurso para o Comitê Central do Partido onde defendeu que a Europa estava à beira de uma revolução socialista e que os bolcheviques deveriam liderar uma insurreição armada contra o Governo Provisório. Dessa vez, a sua proposta venceu com 10 votos contra dois.

Em 25 de outubro (ou sete de novembro pelo nosso calendário), a milícia armada leal aos bolcheviques, chamada de Comitê Revolucionário Militar, tomou o controle dos principais meios de transporte de São Petersburgo. A tarefa foi executada sem qualquer derramamento de sangue, no entanto. Com o auxílio de um marinheiro bolchevique, os revolucionários tomaram o cruzador Aurora e sitiaram pelo mar o Palácio de Inverno. Convidados a se render, os ministros no interior do palácio ainda tentaram ali resistir, mas tiveram que mudar de ideia depois que Lenin ordenou que se abrisse fogo contra eles. Após o ataque ao palácio, Lenin se dirigiu ao Soviete de Petrogrado anunciando que o governo provisório havia acabado e que um novo governo “do povo” seria estabelecido. Inicialmente, Lenin recusou a aclamação como novo Primeiro Ministro, indicando em seu lugar Trotsky, mas depois acabou aceitando a liderança no Segundo Congresso dos Sovietes, em 26 de outubro de 1917.

Nos primeiros dias da revolução, Lenin teve o cuidado de não enfatizar os termos “marxismo” ou “socialismo”, temendo uma sublevação popular contra o seu governo. Nos seus discursos, ele se referia ao novo governo apenas como um “governo dos trabalhadores”. Lenin acreditava que a primeira guerra terminaria com uma grande onda socialista varrendo toda a Europa em questão de dias ou de meses, e, portanto não precisava enfatizar no momento o caráter socialista da sua revolução. Em todo caso, muito embora estivessem completamente equivocados nas suas previsões (a gente sabe que não teve onda socialista pra terminar a Primeira Guerra Mundial), mesmo tendo errado, os bolcheviques de Lenin, que mais tarde se renomeariam simplesmente para “Partido Comunista” haviam chegado para ficar, e permaneceriam no poder na Rússia ainda por muitas décadas. Os primeiros dois decretos de Lenin à frente do governo russo foram o seguinte: a desapropriação de todas as terras da nobreza e da Igreja Ortodoxa e o fechamento de toda a imprensa contrária aos bolcheviques. Além disso, Lenin retirou a Rússia da Primeira Guerra Mundial, que ainda estava em curso nesse momento.

01:30:36 - Francisco Seixas:

Conclusão

Exato! E olha só, no Segundo Congresso dos Sovietes, os mencheviques romperam de vez com os bolcheviques, fato que jogou o grupo dissidente do Partido Operário Social-Democrata Russo na completa marginalidade política. Martov e seus seguidores não concordavam com a forma ilegal com que Lenin havia tomado o poder e o acusavam de colocar o país na iminência de uma guerra civil. Quando Martov se retirava do congresso que consagrava Lenin e os bolcheviques como o poder dominante na Rússia, o líder menchevique foi abordado por Trotsky com seguintes palavras, abre aspas: "Vocês são pessoas lamentavelmente isoladas. Vocês estão falidos. Já desempenharam o seu

papel... Vão para onde vocês pertencem a partir de agora: a lata de lixo da História!” fecha aspas. Resignado, o Martov respondeu ao comentário de Trotsky dizendo apenas: “Pois, vamos sair.” Em seguida, os mencheviques seguiram o seu líder em silêncio e sem olhar para trás para fora do congresso. Na saída, Martov se encontrou com um jovem operário à sombra do pátio. O jovem, que havia aderido aos bolcheviques, falou a Martov com uma amargura indisfarçável: “E nós pensávamos que Martov permaneceria conosco.” Martov parou e fitou o jovem bem nos olhos e disse o seguinte: “Um dia você vai entender o crime do qual você está participando.”

Martov foi descrito, inclusive por muitos bolcheviques, como sendo “muito bom intelectual para ser um político de sucesso.” Ele passou alguns anos denunciando os excessos dos bolcheviques contra seus opositores, mas acabou deixando a Rússia em 1920, em plena Guerra Civil, convencido de que a Revolução Vermelha havia se convertido irremediavelmente num “Terror Vermelho” e que não havia mais salvação para o Partido. Em suas palavras, abre aspas: “A besta provou do quente sangue humano... A máquina de matar gente foi posta em movimento...” fecha aspas. Em 1921, Lenin chegaria a confessar que o seu único arrependimento era que Martov não estava com eles, os bolcheviques. Nas suas próprias palavras, “Que camarada extraordinário ele é, que homem puro!”

Outro dos líderes socialistas que precisou deixar a Rússia foi Georgi Plekhanov (que ironicamente foi o pai do marxismo na Rússia). Plekhanov havia tomado parte do Governo Provisório e havia apoiado a prisão dos bolcheviques, pois assim como Kerensky, acreditava que Lenin era um agente alemão infiltrado. Com a ascensão de Lenin ao poder após o Outubro Vermelho, Plekhanov teve de se exilar na Finlândia, morrendo em maio do ano seguinte. Contudo, devido a sua importância histórica para o Partido Comunista (nome que os bolcheviques adotaram), o seu corpo foi trazido de volta à Rússia e enterrado no cemitério de Volkovo, em São Petersburgo.

[ENCERRAMENTO]

E assim, encerramos este episódio em duas partes onde falamos sobre as revoluções russas que completam 100 anos em 25 de outubro do calendário juliano ou em 7 de novembro no nosso calendário.

E agora vou chamar o Jorge para o seu jabá, vai lá Jorge!

Obrigado Francisco, meu jabá vai ser o de sempre, vou pedir aí novamente que as pessoas nos escrevam, a gente teve um aumento de pessoas que nunca tinham nos escrito e que agora passaram a nos escrever, mas a gente pede que, se você não escreveu para o Temacast, que você escreva. E que se você já escreveu para o Temacast, que continue nos escrevendo. A gente gosta de saber a opinião dos ouvintes, saber o que eles acharam dos novos episódios. Então continuem nos escrevendo.

Exatamente! Então nós ficamos por aqui, quero deixar um forte abraço para você, Jorge e um forte abraço para todos os nossos ouvintes e até o próximo episódio. Bye, bye!

Tchau Francisco, tchau pessoal. Até a próxima!